

Anuário de Literatura

Volume 15

Número 02

SOBRE GALOS, SELOS E LITERATURA

Carolina Cerqueira Lima Dittrich

Fernanda Müller

Gizelle Kaminski Corso

Jair Zandoná

Rafael Zamperetti Copetti

Stélio Furlan

“Galo filatélico” (1985) é o título da imagem do artista plástico catarinense Meyer Filho que ilustra a capa Volume 15, nº 2, da Revista *Anuário de Literatura*. Arte postal e colagem se unem para fortalecer o universo lúdico (e não menos impactante) que o artista conseguiu instaurar imagetivamente.

“Mas um galo coberto de selos!”, diria o leitor prosaico..., os selos, em nosso entender, evocam transitoriedade, deslocamento constante, presença e ausência próprios do sujeito moderno. Para Meyer Filho, o galo “é um símbolo universal da arte” e, ao cobri-lo de selos, torna-o viajante de diferentes caminhos, amplia experiências, visões, sensações. Em cada colagem, em cada selo, uma espécie de bricolagem, mesclas, fragmentos de si mesmo e resquícius de correspondências, de (in)verdades itinerantes que re(a)presentam identidades, transfigurações múltiplas, como os ensaios e artigos que dão corpo e forma a mais esta edição da revista.

Vigilante guerreiro, emblema da altivez, o galo faz de seu próprio corpo instrumento de defesa, e anuncia, com seu canto, o nascimento do sol, de um novo alvorecer. Se essa ave tem o corpo voltado para o futuro, a cabeça voltada para o passado, sua visão se desloca por esses dois pontos e compõe o que chamamos de presente, atento aos elementos e fragmentos da contemporaneidade. E percorre, feito *flâneur*, os mais diversos espaços, dialogando intimamente, prosaicamente, urbanamente com tudo aquilo que

lhe toca ou é tocado por ele. Esse galo metaforiza discursos, tecidos de palavras, colchas intermináveis de re-talhos intra-extra-subjetivos.

“Galo filatélico”, longe de se restringir à parte pictórica, vai da poesia à prosa, do regional ao urbano, do moderno ao arcaico, do bucólico ao movimento desenfreado da máquina. As possíveis e inesgotáveis leituras que instigam são síntese-soma dos trabalhos aqui publicados.

Assim, o espaço urbano e as relações entre sujeito e cidade, através da operação poética tecida pelo poeta Nicolas Behr, são elementos discutidos no artigo de Laíse Ribas Bastos. Marcio Markendorf explora a questão do *doppelgänger* em *Céu aberto*, de João Gilberto Noll, com relação à indeterminação da sexualidade, do gozo e de gênero. Sem perder de vista o espaço urbano, Gizelle Kaminski Corso apresenta uma trajetória do intelectual, da esfera pública à academia, ensaiando uma imagem de sua situação hoje.

O analista de Bagé, um dos principais personagens de Luis Fernando Verissimo, representação humorística que remete ao dilema da constituição da identidade gaúcha, é analisado, via hipóteses interpretativas, no artigo de Grazielle Ramos Schweig.

Ana Carolina Cernicchiaro explora a noção de texto-onça, um texto impuro e híbrido que, por suas características, aguça a sensibilidade humana. No que concerne à representação, Mauren Przybylski investiga o modo como seres ficcionais influenciaram, em certa medida, para o estabelecimento da

reputação da mulher e a constituição de sua identidade, como acontece com a lenda canadense de Marie Josephte Corriveau.

Entre representações e re(a)apresentações, Ciliane Bedin lança um olhar sobre o conto “Juan Muraña”, de Jorge Luis Borges, focando-se na representação literária das margens portenhas. Denise Brasil Alvarenga Aguiar discute o sentido contemporâneo de crise no âmbito da cultura e das representações literárias.

Natalia Borges Polesso realiza uma revisão parcial da história da literatura pelo regionalismo – do romantismo ao realismo –, no Rio Grande do Sul e discute mudanças de perspectivas culturais e implicações no âmbito da literatura e do cânone.

Intelectual, poeta, itabirano de sempre, Carlos Drummond de Andrade não *se faz pedra*, mas *caminho*, por *meio* de olhares distintos e peculiares, nos artigos de Ana Carolina Teixeira Pinto e Márcio Roberto Soares Dias. Já Rodolfo Piskorski propõe para *A tempestade*, de Shakespeare, uma leitura de desconstrução pós-humanista da Alta Idade Moderna, bem como a análise da dicotomia humano/animal.

Suzana Raquel Bisognin Zanon, a partir da análise dos contos do angolano João Melo, *Violência* e *A beleza americana*, analisa questões da pós-modernidade e globalização, enfocando a violência e suas implicações. Vendo nas leituras canônicas argumento consistente para o *acontecimento* da intertextualidade, Luciene Fontão apresenta em seu texto contribuições para o

desenvolvimento da criança leitora na educação básica a partir de obras de ficção da literatura infantojuvenil.

Na seção Ensaio, Ana Maria Chiarini e Diego Silveira Coelho Ferreira analisam o romance *Sardinia Blues*, de Flavio Soriga, na perspectiva da dimensão espacial, articulando as relações entre o espaço regional sardo e as relações com o espaço global. Na sessão Resenhas, Gilles Jean Abes analisa uma tradução publicada dos *Poemas em Prosa*, de Charles Baudelaire.

Para finalizar, a revista também apresenta um Dossiê, organizado por Andréia Guerini, Patricia Peterle e Silvana de Gaspari, que contém algumas comunicações pronunciadas no âmbito do I Colóquio Internacional do Núcleo de Estudos Interdisciplinares de Italiano da UFSC – NEIITA, realizado em Florianópolis entre 23 e 27 de agosto de 2010.